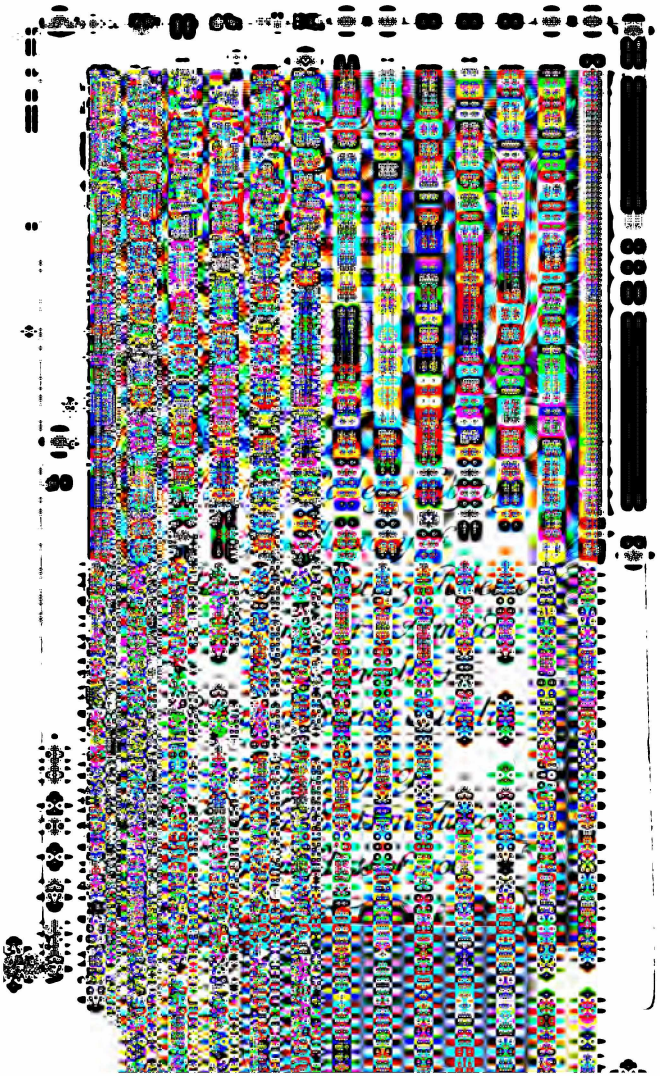


1980年
1981年
1982年
1983年
1984年
1985年
1986年
1987年
1988年
1989年
1990年
1991年
1992年
1993年
1994年
1995年
1996年
1997年
1998年
1999年
2000年
2001年
2002年
2003年
2004年
2005年
2006年
2007年
2008年
2009年
2010年
2011年
2012年
2013年
2014年
2015年
2016年
2017年
2018年
2019年
2020年
2021年
2022年
2023年
2024年
2025年
2026年
2027年
2028年
2029年
2030年
2031年
2032年
2033年
2034年
2035年
2036年
2037年
2038年
2039年
2040年
2041年
2042年
2043年
2044年
2045年
2046年
2047年
2048年
2049年
2050年
2051年
2052年
2053年
2054年
2055年
2056年
2057年
2058年
2059年
2060年
2061年
2062年
2063年
2064年
2065年
2066年
2067年
2068年
2069年
2070年
2071年
2072年
2073年
2074年
2075年
2076年
2077年
2078年
2079年
2080年
2081年
2082年
2083年
2084年
2085年
2086年
2087年
2088年
2089年
2090年
2091年
2092年
2093年
2094年
2095年
2096年
2097年
2098年
2099年
2100年



1980年
1981年
1982年
1983年
1984年
1985年
1986年
1987年
1988年
1989年
1990年
1991年
1992年
1993年
1994年
1995年
1996年
1997年
1998年
1999年
2000年
2001年
2002年
2003年
2004年
2005年
2006年
2007年
2008年
2009年
2010年
2011年
2012年
2013年
2014年
2015年
2016年
2017年
2018年
2019年
2020年
2021年
2022年
2023年
2024年
2025年
2026年
2027年
2028年
2029年
2030年
2031年
2032年
2033年
2034年
2035年
2036年
2037年
2038年
2039年
2040年
2041年
2042年
2043年
2044年
2045年
2046年
2047年
2048年
2049年
2050年
2051年
2052年
2053年
2054年
2055年
2056年
2057年
2058年
2059年
2060年
2061年
2062年
2063年
2064年
2065年
2066年
2067年
2068年
2069年
2070年
2071年
2072年
2073年
2074年
2075年
2076年
2077年
2078年
2079年
2080年
2081年
2082年
2083年
2084年
2085年
2086年
2087年
2088年
2089年
2090年
2091年
2092年
2093年
2094年
2095年
2096年
2097年
2098年
2099年
2100年



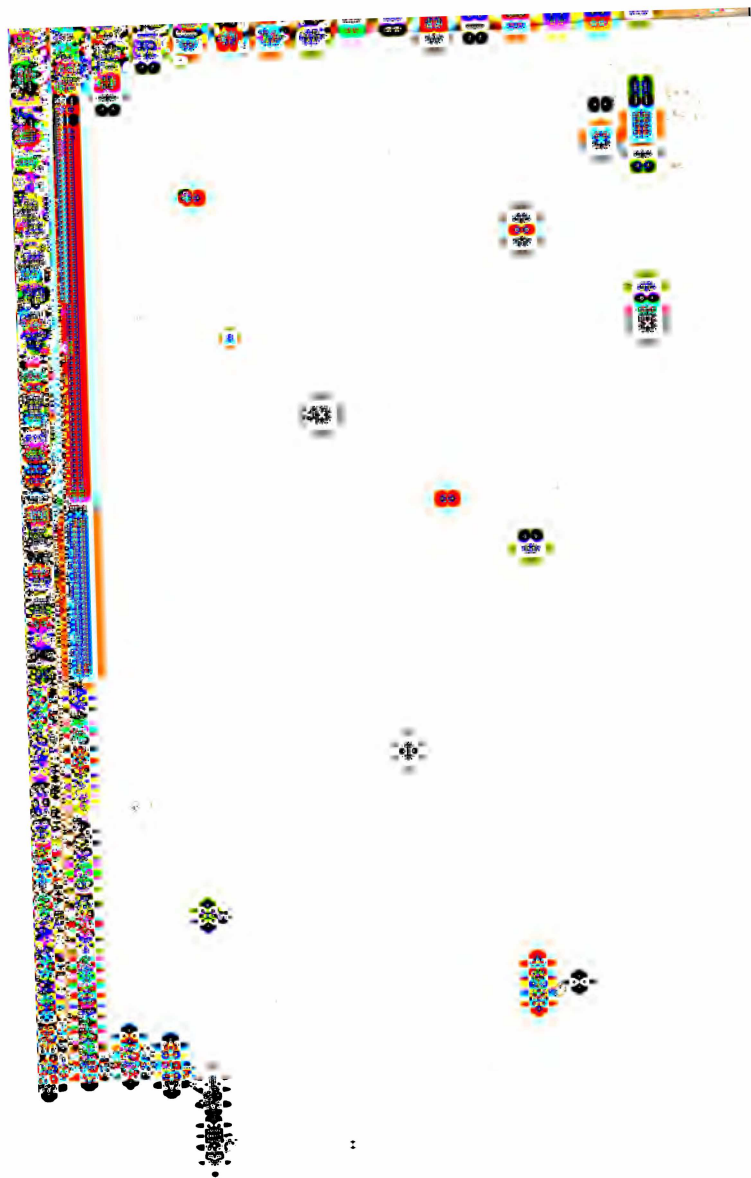
535

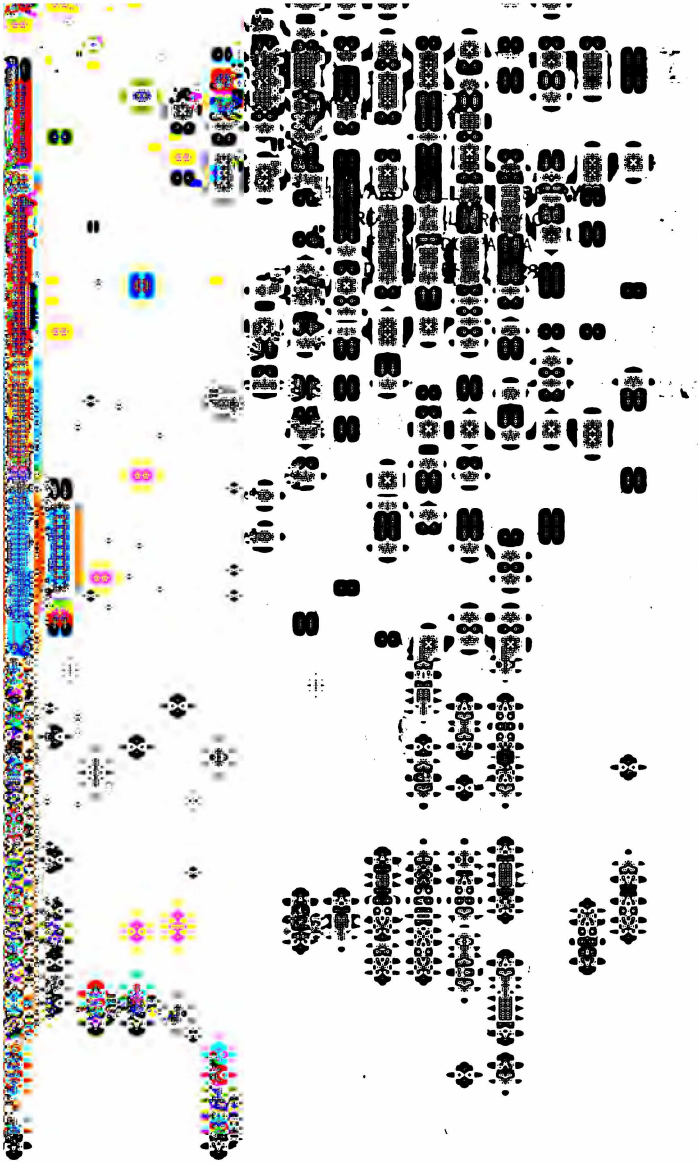
Case

Mace

1267

1267
Gen-44





PERSONAGENS.

<i>D. Luiz d'Alaide</i>	.	Viso-Rei da India;
<i>Tojar</i>	.	Rei de Dabul.
<i>Melique</i>	.	Senhor de Chaul, e amigo dos Portu- guezes.
<i>Sexigambe</i>	.	Mulher de Tojar, Rainha.
<i>Zelima</i>	.	Princesa, Irmã de Tojar.
<i>Alvaro de Castro</i>	}	Capitães Portugue- zes.
<i>Simão de Mello</i>	}	
Um menino que não falla.		
Soldados Portuguezes, e de Chaul.		

A Sçena he junto ás muralhas de Da-
bul.

INDEX

Page

1. Introduction 1

2. The 2

3. The 3

4. The 4

5. The 5

6. The 6

7. The 7

8. The 8

9. The 9

10. The 10

11. The 11

12. The 12

13. The 13

14. The 14

15. The 15

16. The 16

17. The 17

18. The 18

19. The 19

20. The 20

21. The 21

22. The 22

23. The 23

24. The 24

25. The 25

26. The 26

27. The 27

28. The 28

29. The 29

30. The 30

31. The 31

32. The 32

33. The 33

34. The 34

35. The 35

36. The 36

37. The 37

38. The 38

39. The 39

40. The 40

41. The 41

42. The 42

43. The 43

44. The 44

45. The 45

46. The 46

47. The 47

48. The 48

49. The 49

50. The 50

51. The 51

52. The 52

53. The 53

54. The 54

55. The 55

56. The 56

57. The 57

58. The 58

59. The 59

60. The 60

61. The 61

62. The 62

63. The 63

64. The 64

65. The 65

66. The 66

67. The 67

68. The 68

69. The 69

70. The 70

71. The 71

72. The 72

73. The 73

74. The 74

75. The 75

76. The 76

77. The 77

78. The 78

79. The 79

80. The 80

81. The 81

82. The 82

83. The 83

84. The 84

85. The 85

86. The 86

87. The 87

88. The 88

89. The 89

90. The 90

91. The 91

92. The 92

93. The 93

94. The 94

95. The 95

96. The 96

97. The 97

98. The 98

99. The 99

100. The 100

~~ACTO PRIMEIRO~~
ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

Tojar, e Sexigamba.

Sex. **SUSPENDE-TE** Sr.... Ouve-me, attende,.... talvez que a meus últimos gemidos! Eu to supplico pelo sacrosanto fogo do nosso hymeneo, e do meu amor.... suspende os passos. Olha volteando em torno destes muros as soberbas Quidas Portuguezas, olha essas despiedades hostes, que tem tantas vezes engrossado com o sangue Indiano a torrente: ao Indo, e ao Ganges; ellas ameação a extrema, a fatal, e a irreparavel ruina a esta Cidade.... E tu, Senhor, privando-a da tua presença neste momento infausto assim lhe roubas o seu mais forte escudo? Assim a deixas? Ah! desse modo nem sequer terá as infelices agonias de uma debil esperanza! De que serve, Senhor, de que serve tanto sangue Portuguez derramado, e de que, ainda estão salpicadas as muralhas de Chaul? De que servem tantas palmas arrancadas das mãos destes indomitos e ferozes monstros, e colhidas com tanta soberba pelo implacavel Albuquerque,

e formidavel Cassre? Neste arduo momento, em que o destino vai tirar da fatal urna os ultimos decretos da nossa existencia, a privas da defenſa do teu invictó braço! Ah, Senhor, muda de projecto! A tua presença anima os Exercitos do Hidalção, desperta em nossos guerreiros aquelle generoso ardor, que se sacrificou pela Patria, e que a defende. A tua vista embotará os fios das espadas Portuguezas. Que Esquadra poderá voltar as costas se tu se apresentares á sua frente? Que peito deixará de ser muralha a esta infelicidade? A tua voz diminuirá o pavor de um horrendo estampido das bombas inimigas. . . . E se te retiras, que resta? Não te inda queda, e á tua esposa a espavilla . . . ou a morte. . .

o Teo: Resta o meu genio, o destino, e se ha justiça nos Ceos, resta a justiça das nossas armas, e da nossa causa. . . . Se zangado; deixa-se ás almas vulgares a honra da defeza dentro de umas muralhas. . . . Eu não costumo esperar indolente á sombra daquelles baluartes que me desafie o medonho eco da guerreira trombeta; busco os perigos, anticipo-me, e não os espero. Venha, venha embora o barbaro, o implacavel Ataide; assalte aquelles muros, assaz guardados da sua mesma justiça. Venha o toberbo, não encontrará o infeliz descendente de Meale encerrado em Goa; quando me julgar cercado impirá fendidas as suas mesmas costas

com aquella espada que espero se não ha de embainhar senão depois de se ter embebido no peito do ultimo Portuguez. Talvez, talvez, que é vista destas formidaveis reliquias do nosso antigo valor se rebelle a fortuna, e quebre esses ferros da fatal escravidão em que parece a conservão as devastadoras Quinaz. Basta-me isto só; o meu coração se torna presago com suas mesmas desventuras. Eu desfolharei esses louros que cingem a frente de Ataide, e pode ser que aqui se lhe desvaneca o fasto dos triunfos de Malaca e de Cambaia, e que de una vez para sempre fique abatida a tyrannia Portugueza.

Sex. A empresa he digna de ti! Mas ah, quanto he funesta, quanto he fatal ao meu amor!

Tej. Tu me não amas, se não amas a minha honra, e a liberdade da Patria...

Sex. Amo a tua honra, amo a liberdade da Patria, mas ao lado do amor do esposo, e do amor da Patria, eu sinto no meu mesmo coração todo o horror do imminente perigo, e da imminente ruina.

Tej. Onde he maior o perigo, tambem he maior a gloria.

Sex. E que gloria nos pode prometter a esperança contra esta Nação feroz, que parece que não cabe no mundo? Quem pode suspender o impeto deste raio exterminador da Asia? Não vez Grãruz em cinzas e em cadeias, a Persia assustada, Cambaia ven-

eida! Dió avassallada, Dadur, o invencível
 Dadur, tingido com seu sangue os mares?
 De quem he Damão? de quem he Onor?
 De quem he Catianor, de quem he Baçaim?
 Não impetão em Goa? Não senhoreão Co-
 elim, não arrazão Chaul; não se derramão
 como torrentes até ao Ganges; e não
 tremulão as suas bandeiras nas muralhas de
 Malaca? Foi pouco o continente; foi pe-
 quena a terra, estendêrão seu Sceptro, e us-
 soberbãõ os mares; e onde quer que des-
 cubrirem homens hão de ser conquistadores.
 Toj. Também a fortuna cança: e não
 he longa a duração de um poder immenso.
 Estão muito divididos para serem sempre
 invencíveis; necessitão de um braço para se
 susterem na Europa, e não basta o outro
 para se conservarem no Oriente.

Sex. São essas só as razões que te obri-
 gão a executár o funestissimo projecto?

Toj. Outra razão o pede.

Sex. Infeliz Sezigambe! Antes de perder
 o Reino perdes o coração do esposo! Ah
 Tojar, tu não me amas!

Toj. Eu te amo; mas amo-te como de-
 ve amar um Monarca, e um guerreiro.

Sex. Vai, cruel, e deixa-me lutando entre
 cruéis agonias; deixa-me ficar victima da fe-
 ricidade de um vencedor soberbo: fique tam-
 bém o innocente filho, e encadeado ao car-
 ro do sanguinario Viso-Rei vá augmentar
 a pompa do seu triumpho pelas ruas, e pra-

ças de Goa. . . . Sim, teu filho, último resto da nossa grandeza, será com os captivos Principes de Ormuz, ou mandado a esse fatal Tejo, d'onde para nós tem salido tantos raios; ou será esmagado diante de meus olhos debaixo dos profanos pés dos barbados Portuguezes.

Toj. He esse o pensamento que faz vacillar a minha constancia; mas em fim eu tenho um coração que sabe oppor-se aos fadados. . . . Toma este punhal, e sobre esta minha espada, humida ainda do sangue Portuguez, jura, jurá, *Sezigambe*, que has de cumprir, e executar qualquer Lei que saia da minha boca. . . .

Sex. Sim, tu o mandas, e eu o juro. . . .
(*Põe as mãos na espada*)

Toj. Ouve. . . . Estes nossos inimigos podem ser vencidos, e eu assim o espero; mas se a fortuna idolatrar tanto como até agora tem feito estes oppressores, que se arvoram sobre aquellas muralhas as jactanciosas Quinas, primeiro embeberás esse punhal no coração do filho innocente, e depois no teu coração. *Sezigambe*, esse punhal he a estrada da liberdade, he o resgate da escravidão, e um ferro tira as injurias de outro ferro.

Sex. Ceos, que escuto! Tu pedes duas cousas, uma he digna de mim porque sou tua esposa; mas a outra. . . . Oh natureza! a outra não se deve pedir ao coração de uma mãe!

Toj. Também eu sou pai, também a natureza em mim clama; mas eu suffoco seus gritos, a honra o exige, e eu o mando. O nome de pai he diferente do nome de Monarca; devo obrar como Principe; as affeições do Estado não são as affeições da natureza.... Sezigambe, adeos! Com esta abraça empouho a tua submissão á minha vontade. Juraste, e sabes que não te podes chamar minha esposa se uma vez te não esqueceres de que hees mãe.

SCENA II,

Sezigambe só.

Sex. Desgraçada Sezigambe, que juraste? Que palavra fatal sahio da tua boca? No tribunal do amor e da natureza quiz ser juiz um pai, e deste tribunal sahe a sentença que condemna á morte um filho innocente, julgado só d'estranhas culpas, das culpas dos barbaros Portuguezes!... E desta morte horrivel e atroz, desta monstruosa sentença quem deve ser o executor e o algoz? A mãe do mesmo innocente?... Eu rasgar o peito daquelle tenro infante que alimentei em minhas entranhas, ver moribundos aquelles olhos, e fria aquella boca que o meu maternal amor beijava com tão vivo transporte!... E pude tal jurar?... E tu pudeste, ó Sol, ver sem te entulhar

em semelhante horrivel juramento? Ah! sou mãe! Que Seziganbe morra para se roubar aos vilipendios do triumpho, isto estava ha muito resolvido em meu coração. . . . Mas que eu, mãe sacrilega, mãe infame, tinja o ferro no sangue de meu filho! . . . Que furia mais cruel poderia vomitar o Inferno? E deixarei eu no mundo a funesta memoria da meu nome para ir horrorizar as futuras gerações? E poderá tal crime ser meio de intercessão para o destino a nosso favor? Ceos! Se no volume eterno dos fados está decretado o ultimo instante da liberdade da India, antes me reduza a cinzas um raio, que sobre mim desfohe a vossa justiça, e me absolva do fatal juramento, do que eu cometto este horrivel attentado. . . Tenho coragem para ser forte, mas não para ser impia. . . . De tudo me absolve o amor de mãe. . . .

SCENA III.

(*Muros de uma Fortaleza no fundo do Theatro; ao lado um Bosque onde se vejo emboscados os Indios.*) D. Luis d'Ataide; Alvaro de Castro, e Simão de Mello, Commandantes das forças Portuguezas.

Alv. (*Para os Soldados Portuguezes.*) Vamos, guerreiros, vamos juntar mais um braço ás nossas triumphaes bandeiras, e aprisa-

da de uma vez a Índia: a respeito do fado Portuguez,

Sim. Vamos.

D. Luta. Invencíveis Capitães, e illustres guerreiros, no recinto daquelles fracos muros, aviltados com tantos estragos, estão encerradas as extremas reliquias da insana rebelião. Alli está fechado o Rei, e alli pretende segurar com mão trepida, e languida a roda da sua abatida fortuna. Avança como Portuguezes, isto he, como invencíveis. Sois poucos, mas não erão mais os que no passo de Coulaõ destroçárão todas as forças do Samorim: não erão mais de eem os que arrazárão Chaul, e poucos mais erão os que sustentárão Dio contra o poder de Cambaia, os que alli fizerão morder a terra aos soberbos Janisaros, e calcárão as orgulhosas Luas Otomanas; em torno daquellas suas muralhas ainda a mesma Dio vê alvejar os descarnados ossos de Sofar, e de Rumeção. Vós sois os descendentes daquelles Heroes; o seu sangue he o nosso sangue, e parece-me que em torno de mim revoão as grandes sombras dos Pachecos, dos Castros, dos Albuquerque, e que me mandão restaurar aquillo mesmo que elles ganhárão; mostrão-me a espada com que lavráão o Sceptro Portuguez no Oriente, e me pedem não embote os seus fios, deixando impune a rebelião de Dabul. Se nós sabemos perdoar aos vencidos, tambem

vabemos debellar os soberbos. Quando em meu primeiro governo destrui a conspiração de todos os Principes da Asia, ficáão vassallos nossos todos os regulos que obedição ao Niramaluce, e ao Idalcão; Tojar me jurou obediencia em Dabul; Tojar se rebellou; Dabul ficará hoje em cinzas, e Tojar em ferros. A Asia aprenderá a temer-nos, e Goa terá ainda o espetaculo de um triunfo que desperte o adormecido valor Portuguez. Ide, invenciveis, e apagai com o barbaro sangue do rebellado Tojar a extrema chamma da conspiração. De vós não devo exigir mais que as conhecidas provas do vosso valor. Entrelaçui novos louros nas antigas palmas. São justos os golpes, que vão fulminar as nossas espadas: o destino nos offerece o triunfo mais illustre no sangue dos barbaros. Vinguemos aqui o derramado em Parnel, e em Bracalor, onde foi ultrajada a honra das bandeiras Lusitanas. O Monarca que nos manda pede esta victoria.

SCENA IV.

Os ditos, e Zelima, que se lança aos pés de D. Luiz.

Zel. Senhor, se ainda entre as armas; e armas sempre victoriosas, tem logar a piedade, e se esta não deslustra o heroismo Por-

tuguez, nem diminue o esplendor do seu immenso imperio; acolhei-me, Senhor, acolhei-me infeliz donzella escapada a furio daquelles desgraçados muros.

D. Luis. Levantai-vos, e dizei quem sois.

Zel. A minha estirpe he Real, nasci na India; mas o meu coração he Portuguez; abomino as traições, eu quis encapar ao raio que ameaça a rebellada Dabul.

Sim. Formosissima mulher! E assolarão as nossas armas a terra que tuas bellezas produz? Se me não engano has irmã do perfido Tojar.

Zel. Ha verdade, eu tive commum com elle o berço, mas não o crime; e porque sou innocente, e conservô Portugal dentro no meu coração, me quer meu cruel irmão arrancar do peito a vida, ou a fidelidade. Eis aqui porque, esquivando-me ao seu insano furor, fujo, e venho acolher-me á sombra das bandeiras Portuguezas: com apressado passo me separei daquellas soberbas, e contumazes muralhas, antes que as reduza a cinzas o raio fatal da vossa justissima vingança. Consolai, Senhor; o meu pranto, que he o pranto da innocencia, e constitui a clemencia á frente de todas as vossas virtudes.

D. Luis. Zelima, terás entre as nossas victoriosas armas um seguro asylo á tua fidelidade. E vós, Alvaro de Castro, tomai entregue dessa infeliz donzella; eu a confio á vossa probidade; lembrai-vos que he Pri-

essa, e que he desgraçada. E vós, Portuguezes, marchai, prostrai aquellas soberbas muralhas. Quero que as palmas que brotar esta terra sejam fecundadas com o sangue do perjuro Tojar.

SCENA V.

Os mesmos, e Melique Tanador.

Mel. Venho, Senhor, supplicar-te a honra de que eu seja o primeiro em assaltar os muros dessa akiva Dabul. Eu devo a vós, ao vosso predecessor, e a Portugal este penhor da minha fé, e tambem devo esta honra á minha vingança. Desejo ser eu mesmo quem vare com este ferro o coração do ateuvo, e traidor Tojar. Sim, Tojar deve sentir os golpes da espada de Melique. Elle he réo de duas gravissimas culpas: uma he a rebellião ao vosso Imperio, a outra o ultraje que fez á minha dignidade paternal, roubando-me Sezigambe minha filha, que eu destinava para esposa do Idalcão, e constituindo-a por suas vis seduções, não só senhora do seu abominavel thalamo, mas tambem declarada inimiga de seu pai por conservar sem mancha a fidelidade, que devo ao Monarca Portuguez.

D. Luís. Basta á minha espada para punir essas duas culpas. (*Sobe com Melique.*)

Alc. Formosissima, e illustre donzella,

o ferro Portuguez vai neste momento segar as vidas de todo um povo; no calor do assalto não se respeitará nem a vossa condigão nem a vossa belleza. A trombeta marcial me chama, não podeis estar ao meu lado, nem eu me devo afastar da estrada da gloria, e para que o meu coração vos diga tudo, sa-
bei que estando vós presente ao combate, eu me exporia a apartar os olhos dos inimigos para os fitar no vosso formoso rosto.
- Zel. Eu me retiro aos vossos arraiaes; nenhum susto me combate o coração. Quando os Portuguezes pejejão sei de que lado costuma pender a victoria.

SCENA VI.

*D. Luiz, Alvaro de Castro, Simão de Mel-
lo, e Tropas Portuguezas. (Representa-
se a disposição do assalto de Dabul.)*

D. Luiz. Portuguezes, se me não que-
reis imitar a mim, imitai-vos a vós mesmos.
Os muros de Dabul não são mais fortes que
os muros de Malaca: duzentas bombardas,
e trezentos elefantes não vos assustarão em
Mangalar. Levai de um golpe aquelles de-
beis reparos, e olhai não se diga no mundo
que Luiz de Atajde deo segundo assalto a
uma Fortaleza. Carlos V. me invejou a sorte
em Dresda, e me disse que antes queria
ser Luiz d'Ataide armado Cavalleiro no Mon-

te Sinai que Imperador dos Romanos; vós o hides ser em Dabul pelas minhas mãos, e prezará o mundo mais a espada que eu vos cingir do que mesmo admirou a agua do Ganges, que eu levei á Europa. Assaltai, e se eu não for o primeiro dizei que não sou Portuguez.

(Assaltão á escala a Fortaleza. Sahem della os sitiados, são batidos, e fogem. Os Portuguezes entrão as portas, e neste tempo sahe Tojar do bosque com os seus, ataca os Portuguezes em retaguarda, he destroçado, foge, e os Portuguezes entrão todos em Dabul).

SCENA VII.

Zelima só.

Zel. He entrada a infeliz Cidade! O Ceo pejeja por estes leões indomitos! Tojar foge; mas se não morre surgirá mais valente. Não falta força ao coração onde domina a virtude, e uma invicta constancia cança o fado muitas vezes. Tojar vivirá, e ambos combateremos, elle com o braço, e eu com a industria. Eis-aqui para que eu busquei com uma fingida confiança as bandeiras destes monstros. Amor tambem he guerreiro, e as suas armas são mais fortes por isso mesmo que são menos temidas. Eu verei se posso com a minha formosura vencer o coração do

feroz Ataidé : fello-hei vencido se o fizer amante; e se o seu coração soberbo resistir aos meus attractivos, eu alcançarei em cada um de seus Capitães que possa fascinar com meus encantos, um illustre, e proveitoso triunfo. O ciúme será a origem das divisões, destas nascerão o odio e a rivalidade, e as forças Portuguezas se abaterão por si mesmas. Tente-se tudo, porque tudo he licito ao amor da Patria; e se eu não conseguir uma victoria conseguirei ao menos uma vingança. (*sai*).

SCENA VIII.

Tojar vem fugindo, e depois de fallar entra no bosque.

Toj. Portuguezes vencestes!
 Cumprio a fortuna o maior dos seus votos. Acaba de expirar a liberdade da India. O furor Lusitano triunfa, e foje Tojar! Fugio; mas não vencido de todo; ainda me resta um poderoso recurso; resta-me inteiro o implacavel odio contra o nome Portuguez, recurso sobre que não tem poder a sorte. Ainda me não abandonou o desejo de uma memoravel vingança. Existe um caminho subterraneo, que a engenhosa arte de meus predecessores abriu por baixo daquellas muralhas; em traje disfarçado penetrarei por elle até ao meu Palacio, e com esta mão irada, e for-

mitável em momento opportuno trespassarei o coração do feroz Ataide, e com sua morte abrirei campo á de todos os Portuguezes. He facil uma illustre vingança a quem resolveo morrer. Morrerei, sim, mas caberei victima da vingança de um odio inveterado. He doce a morte quando se levanta o sepulcro sobre as proprias ruínas de tão grande inimigo: crescerão em roda delle os funebres cyprestes regados com o sangue de um oppressor Viso-Rei da India. (*Sahe*).

SCENA IX.

(*Mutação; vista de alas de arvores sombrias, entre ellas a espaços os sepulcros dos antigos Soberanos de Dabul.*) Scrigambe, com um pagem que traz pela mão um menino.

Sen. Não ha recurso; já a victoria insolente levanta a fronte entre lastimosos estragos. O terrivel Viso-Rei ergue seus troféus sobre as nossas ruínas. Desvaneceu-se-me até o ultimo bem dos desgraçados; devo morrer: cumpre-se em fim o fatal decreto de Tojar; eu o jurei sobre a sua espada; mas não se cumpra sobre este fructo innocente das minhas entranhas. He muito apertado o vinculo do sangue com que a natureza une o coração de uma mãe ao coração de um filho. He preciso seguir a natureza a despeito do mais rigido e severo juramento, uma vez que

este a offende. Como porém não resta á liberdade da India entre tantas Cidades um pequeno espaço de terra em que se esconda um tenro menino, abre, ó fiel servo, abre os porticos deste melancolico Templo das sombras; e aqui se esconderá meu filho do triunfo orgulhoso das vencedoras Quinas. Assim cumprirei em parte a fatal Lei, muito barbara para o coração sensivel, quanto mais para o coração de um pai! Ah! meu querido filho, mui tarde nascido para a Patria, e muito cedo para esta mãe infeliz! Eu te conservo a vida, que teu pai condemnava á extincção; mas eu te escondo, e me privo da tua vista para te livrar de uma servil cadeia: se he piedade agradece-me; se he crueldade perdoa-me. Eis o asylo que te resta; se os fados se compadecem dos infelizes serás salvo; e se te negarem a vida aqui tens a sepultura. Ah! tu suspendes os passos! Eu conheço a tua generosa indole, o teu Real coração não admitta a vileza do temor. Abatamos o pensamento aos pés da presente fortuna; tempo virá em que respirem teus magnanimos sentimentos, e em que despedaces os injuriosos grilhões da tua Patria. Hoje te baste aquillo que basta a um vencido. Vive; e neste lugar te defenderão as augustas sombras de teus famosos progenitores. Fiel servo, guarda com todo o desvelo este precioso penhor que de ti confio. Filho, adeos: recebe este beijo.... esta he

a ultima dadiva do meu desgraçado amor . . . toda a alma sobre elle me foge, e se não morro . . . Mas uma mulher forte não deve morrer de amor, ainda que seja o amor filial. Vai, fiel servo, esconde-o entre estes tumulos . . . (*O servo entra, e se occulta atrás d'elles com o menino*). E vós, ó Ceos, guardai este sagrado deposito; vós que defendeis sempre a innocencia, defendei o meu filho, e se eu poder ainda ver a face de Tojar, farei que lhe agrade esta infelicidade do meu amor. Se he virtude conservar a vida a um filho para o esquivar aos grilhões de escravo Portuguez, eu acceito em premio a minha voluntaria morte; e se he uma culpa guardar esta innocente vida, em castigo acceito a mesma morte. E que, Sezigambel! Ainda tu podes ter esperanza de ver o querido Tojar! Ah! Não: já tens desempenhado o caracter de mãe, reveste-te agora do caracter de esposa digna de Tojar; cumpre o seu preceito pela parte que te pertance. (*Tira o punhal que lhe deo Tojar*). Fero instrumento da morte, ultima dadiva de uma dextra adorada, quanto me hees apreciavel! . . . Eu destino esconder-te em meu coração, tu o penetrarás todo, e meu sangue attestará ao mundo que morri livre, e que no valor com que soube preferir a morte á escravidão me mostrei digna esposa do valeroso Tojar. (*Ao estender o braço para cravar o punhal no peito, he suspendida por detrás repentinamente por Melique*).

SCENA X.

Sexigambe, e Melique acompanhado por Soldados Portuguezes.

Mel. Suspende-te, mulher!... Não te he licito dispor de uma vida, de que o Viso-Rei he senhor. Elle não quer deixarnos vencidos nem a liberdade de morrer...

Sex. Com que coração me suspendeis este golpe? Com o coração de pai; ou de inimigo?

Mel. Se me fallas como filha de Melique, eu sou teu pai; se me fallas como esposa de Tojar, sou teu inimigo, e até serei teu algóz.

Sex. Senhor, foi vosso sangue quem me communicou estes generosos sentimentos. O fado quiz que eu fosse esposa de Tojar, para elle reservo o meu coração, e não posso despojallo do que por tantas Leis lhe pertence.

Mel. E eu não tirarei ao Estado Portuguez na India o que he do Estado. Hes mulher de um Principe rebellado, tu augmentarás a pompa do triumpho, ou serás consumida nas chammas que vão abraçar Dabul, se não descobres o filho do teu rebellado esposo: he esse o holocausto que a ira Portugueza exige para a sua vingança.

Sex. Oh Ceos! Que escoto!... Meu filho ficou tambem sepultado nas infaustas ruinas da assolada Dabul.

Mel. He vil o engano, e a mentira; a dor de uma tal perda não se divisa na coberba do teu semblante; eu te observo mais cheia de sobresalto, e temor, que cheia de magoa: dize, onde está o teu filho?

Sez. E onde está o meu esposo Tojar? Onde está a nossa perdida liberdade? Vós buscais uma coisa só, e eu busco todas.

Mel. Dirás forçada o que não queres dizer voluntaria.

Sez. Morrerá tranquilla, e segura quem quer morrer, e quem deve morrer. Que pôde temer Sezigambe, se a morte he o maior dos meus votos!

Mel. Vivirás; mas entre tormentos; a dor destruirá a tua constancia, e te arrancará do coração o indigno segredo.

Sez. Inven-te embora a tyrannia Portugueza, todos os tormentos, seja engenhoso em martyrizar-me esse vencedor soberbo: os ferozes Portuguezes verão quem seja a esposa de Tojar. Ainda sou Sezigambe. Perdi a liberdade, o esposo, o reino, o pai, o filho, tudo, tudo me tirou o furor desses injustos conquistadores; mas a despeito da sua ferocidade pouco perdi, pois ainda me resta o coração de Sezigambe: se o vosso desconhece, uma filha, o meu não desconhece a Patria, o Throno, o esposo, o filho, a India, a liberdade

SCENA XI.

(Uma Sala em um Pavilhão): Zelima, e Alvaro de Castro.

Alv. Illustre donzella, agora que a victoria Portugueza acaba de levantar seus pendões sobre as ruinas de Dabul, vem o meu coração mais tranquillq idolatrar o teu rosto, e serenar aquella chamma, que elle pôde atear dentro em minha alma. Não tem a fortuna poder sobre a belleza; se a tua Patria está captiva, o teu semblante alcança uma victoria dos mesmos conquistadores.

Zel. Eu, Senhor, supportaria com valor a vista, e a memoria de tantas perdas; se eu me podéra lisongear com a conquista do vosso coração; mas poderei eu esperar tão venturoso triumpho?

Alv. Vós não deveis esperar aquillo mesmo que já possuis; quizesse o destino que eu encontrasse em vós um igual sentimento.

Zel. Eu não sinto um affecto contrario ao vosso; nem vos amo, nem vos aborreço; isto basta a um amante....

Alv. Retirai-vos, que se aproxima o Viso-Rei....

SCENA XII.

D. Luiz d'Alaide, Melique com Seizigambe em ferros.

D. Luiz. Cessem já os estragos, o valor Portuguez com pouco sangue se satisfaz; contenta-se de ter vencido. A muita crueldade deslustra a victoria, e condemna o vencedor.

Mel. Senhor; trago a vossos pés este despojo, não vil, do vosso triumpho; nas suas veias corre o meu sangue, porém Tojar está no seu coração. Ella esconde obstinadamente as nossas vinganças o filho deste rebellado: neste filho pode ainda o Estado Portuguez ter um imphoavel inimigo; só a vossa presença lhe pode arrancar do coração este fatal segredo. Ella he uma prisioneira, e este titulo deve diminuir a ternura de mãe, assim como a obrigação de vassallo extingue em mim o amor de pai.

D. Luiz. Mulher, lembrai-vos que o vosso amor maternal tambem está prisioneiro; vos não deveis occultar á minha victoria um filho, que por seu sangue participa das culpas paternaes. Sou clemente, mas sou vencedor; e olhai que o fructo de um tronco tão inficionado offende muito a soberania Portugueza.

Sex. Que, Senhor! Pois os Portuguezes

temem? Oh muito illustre queda, e muito illustre desgraça de Dabul! Fortuna, eu te perdoo as tuas injustas offensas, se ainda deixas ao meu sangue a honra de ser temido! Sim, vive, ó Viso-Rei; vive este crescente susto das orgulhosas Quinas; vive, sim; e com elle vivem as esperanças da tua Patria; e talvez que esse soberbo Tejo prepare um Viso-Rei, que venha diante daquelles ontrados muros cabir victima da sua espada. Se meu filho não recebe o Reino das mãos de seu pai, ao menos recebe a illustre herança da seu grande sangue. Vive, sim; porém guardado pelos votos da Patria, e pelas minhas maternas diligencias; eu assim roubei ao vosso carro, o melhor troféo do soberbo triumpho. Viso-Rei, ou buscais o roubo, ou o roubador; se buscais o roubo, busca o velho, se o roubador aqui, o tendes...

D. Luíz. Grande mulher! A despeito de seus mesmos ferros, entre as misibundas chammas da liberdade ainda ostenta um character Real!

Mah. A morte saberá punir a loucura do teu cervil orgulho.

Sax. Inutil ameaça! Eu saberei levar comigo á sepultura o meu inviolavel segredo.

D. Luíz. Vivei, mulher generosa; eu mando tirar de vossos braços do ultrage desses ferros. O' M. tiras aquellas indignas cadeias. Luiz d'Ataide não castiga, respeita e assiste; ainda que ferra; e alguma, no seu

mesmo inimigo. Eu vim reconquistar a Índia, não vim prender mulheres. Esta um despojo ainda maior que o meu triunfo. Sois livre; e deixo ao vosso arbitrio a fidelidade de prisioneira; a vossa alma he muito grande, e saberá soffrer as injurias da sorte, sem que tenha os braços oppressos de cadeias. Tanto mais respeito uma coroa, quanto he mais abatida. Se a familia de Dario for respeitavel a Alexandre, porque me não será a mim a esposa de Tojar? Não sois escrava, porque fostes Rainha, e ainda o sabeis ser.

SCENA XIII.

Sezigambe só.

Sez. Exulta, Sezigambe, tu começaste bem; meus sentimentos pozerão, em respeito o mesmo fasto da victoria, e Ataide acaba de conhecer que o insolente arbitrio da fortuna não tem poder sobre as almas grandes. Nunca a virtude cede á fortuna as suas conquistas... Mas assás tem cedido o amor á gloria; torne o amor a recobrar seus direitos, e tornem a despedaçar meu coração as funestas idéas do meu talvez que já perdido consorta; e de meu innocente filho escondido entre os sepulcros. Não basta o meu animo para tantas perdas. A fortuna levou-me o Throno da Dabul, que me tinha dado; eu sou superior aos seus caprichos; q

amor me deo um esposo, e um filho; as perdas do amor não se tolerão, nem se consolão.... Onde estará o meu esposo? Se virá ainda! E o choro filho! Oh mundo! Oh natureza! Oh fados!..... Ah! pague a India a Portugal os delictos que commetteo contra o Ceo! Tenha Portugal Imperios; mas não captivará jámais o coração de Sezîgambe.

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

D. Luis, Simão de Mello, Alvaro da Castro, e Zelima.

Alv. **S**ENHOR, — D. Gonçalo Pereira expirou atravessado de lanças na entrada destes muros. Acabou um dos maiores braços das nossas armas; ainda jaz no campo, e ainda aperta na fria mão a invicta espada.

D. Luis. A virtude, e o valor nem depois da morte acabão. Perdeo muito a Patria; mas D. Gonçalo ainda adquirio mais; a fama, e o nome; he um bem ainda mais precioso que a vida; será tão invejada a sua

morte como he a fama de seu irmão D. Leoniz pelas victorias de Malaca.

Alv. E neste campo, theatro tambem das minhas façanhas, eu vos peço o posto que elle occupava no exercito; e se o não merece o valor que aqui mostrei, lembrai-vos dos Baluartes de Dio.

Sim. E se a defendida Malaca pede para estas cans alguma recompensa, eu mereço o mesmo lugar que Alvaro de Castro pretende. Esta espada nunca esteve occiosa, nunca foi inutil ao Estado da India, e as cicatrizes das feridas recebidas a vosso lado em Parnel pedem este illustre galardão.

D. Luis. Simão de Mello, contentai-vos; a victoria enramou de louros vossa espada, e vossa frente, e não são tão caducas as vossas cans que vos não deixem ainda um grande espaço para a acquisição de novas palmas: ao valor de Alvaro de Castro, e ás cinzas do Viso-Rei seu pai se deve em primeiro lugar a jerarquia de D. Gonçalo Pereira. Eu sei que Cartale convocou já para a vingança de Dabul a Mandavirai, e os Piratas do Malabar, que discorrem com as Galeotas pelo mar de Chaul. Dei ordem a D. Paulo de Lima para os atacar, e vós com o braço, e com o conselho ireis servir debaixo das suas ordens. Sabei que dar-vos uma occasião mais de vos distinguir-des he dar-vos a mais abalisada recompensa.

Alô. Senhor, eu vos beijo a mão pela mercê que tamanha honra me traz.

Sim. (*á parte*) E he tão vil preço o sangue de Simão de Mello, que o pize, e despreze desta maneira o Conde d'Atbuguia? E deve soffrer esta afronta o Governador de Malaca?

Zel. (*á parte*) A injusta repulsa o offende; talvez sirva o seu odio aos meus designios....

Alô. Senhor, eu parto a occupar o lugar do heroe extincto; eu vou dar ao Exército em Alvaro de Castro um capitão, e um pai. Meus passos não sabem outra estrada que a da gloria: o neto do vencedor de Canbaia não saberá degenerar de tão illustre sangue. (*Vai-se*).

SCENA II.

D. Luis, Simão de Mello, e Zelima.

Sim. Já que a minha espada, Senhor, tem tão embotados os fios, e he tão inutil para a gloria de Portugal, deixai que eu a abandone a vossos pés, como um despojo obioso; e já que esta dextra outr'ora triunfante se tem tornado frouxa nos braços de Marte, permiti que eu a una nos laços de hymeneo á desta abandonada, e infeliz Donzella, e que neste estado eu me esqueça para sempre do uso, e do nome infasto da guerra, e da victoria.

D. Luiz. Simão de Mello, ... onde está aquelle valor heroico com que repellistes em Malaca todo o poder do Achem, que sitiava a Fortaleza? Este valor tão provado não pode neste momento defender o vosso coração de um tão injusto despeito, e violento transporte? Se vos roubou a gloria de combater, dou-vos a não menor de aconselhar; e olhai que vos devem causar maior satisfação as honras merecidas que as alcançadas. E não sabeis que he menos illustre uma virtude interessada? Chega neste momento á India a nova infausta da desventura de Sebastião; aqui acaba de chegar com esta noticia João de Saldanha; ella veio finestear os louros da tomada de Dabul. A Patria vos precisa, e o vacillante Estado da India tambem com vosco se pode suster. E posso eu permitir as nupcias de tão grande Fidalgo Portuguez, como vós sois, com uma mulher gentia; e ainda que segundo as apparencias, que podem mentir, seja de uma extracção Real, e seja a irmã do rebellado Tojar?

Zel. Senhor, antes que decidais tão ponderavel lance, concedei-me que eu permaneça só com vosco; devo communicar-vos um importantissimo segredo.

D. Luiz. Ide-vos, Simão de Mello.

Zel. Mas tornai prestes (á parte a Simão de Mello). Favoreça o destino os meus projectos. (A' parte).

Sim. Levo no coração amor, e vingança! (A' parte).

SCENA III.

D. Luiz, e Zelima.

Zel. Senhor, Vós cedeis a outro um despojo que he vosso; e sabej que não he um despojo vil, nem merece o seu grande preço menoscabo. Eu busquei os vossos arraiaes com aquella fé que devo a Portugal; mas outra razão mais forte ainda, e mais poderosa no meu coração, me trouxe a vossos pés. O brado da vossa virtude, e da vossa fortuna retumbou fortemente no meu coração, occupou os meus affectos. He muito robusto aquelle amor, com o qual um coração se não pode tachar de fraco. Esta magestosa chamma se ateou mais com a vossa presença, e este alto incendio abafa aquella austera virtude, que era tão propria da minha extracção e do meu estado, e que me fez rejeitar as pertençaes dos maiores Potentados da Asia, aquem minha altivez pôde resistir. . . .

D. Luiz. Basta, mulher, cala-te; o Conde d'Atougua veio ser o Viso-Rei da India, e não o amante das mulheres de Dabul. (*Sahe sem olhar mais para Zelima*).

S/C B N A IV.

Zelina, e Simão de Mello.

Zel. Desgraçados pensamentos! Assim vos atalha o vôo, e vos piza o taroz Ataide!

Sim. Zelina!

Zel. Deixat' me: eu prezaria o vosso amor attendendo á vossa alta qualidade, digna da irmã de um Rei; mas vos deslostrás esta mesma qualidade, e não sois dignos de Zelina: . . .

Sim. Como?

Zel. Quem soffre em paz a affronta de uma repulsa não tem o coração nobre; e não se recobra a honra assim ultrajada senão com uma vingança estrondosa. O vosso sangue a exige; Zelina a quer como prova de vosso amor.

Sim. E que vingança? E intentais acaso estimular o meu coração? Quando nasci já trouxe impressas no meu peito todas as leis do pundonor; e as offensas feitas a Simão de Mello não as lava senão o sangue do offensor.

Zel. Mas Ataide vos affrosta tirando ao vosso merito uma recompensa, talvez, talvez que muito inferior a elle! . . . (*Sabe*).

SCENA V.

Sinão de Malacó.

Sin. Tem novos motivos a minha vingança; o primeiro no que se me nega, o segundo no que se me manda. E devo eu servir debaixo das ordens de D. Paulo de Lima? Assim o quer o Viso-Rei. Eu servir? Eu, que coar o meu sangue rociei tantas palmas ganhadas como Governador em Malaca, e em Chaul como Soldado? O meu coração ferido de uma duplicada offensa não conhece outra lei, outro foro mais que o da vingança. Falta tudo aos Soldados, o estipendio, o sustento, a recompensa, as honras; eu os vejo dispostos á insubordinação, eu soprarei estas chamas; o crime publico será a minha vingança: seja esta ou culpa, ou virtude, eu a devo seguir; e se Ataide for desobedecido, ou morto, ao grande delicto tambem dá nome a uma alma grande.

SCENA VI.

(Representam vista de sepulcros dos antepassados de Tojar.) Tojar, disfarçado com um vestido de plebeo.

Toj. Deoses do Ceo! Só vos peço um momento que me torne memoravel ao gran-

de giro dos seculos, momento em que Ataide me veja, venha sim, mas implacavel e tremendo. Oh liberdade oppressa, eu te devo ainda o extremo sacrificio ! Hoje se ha de immolar a victima, já está escolhida, e he tal que emparelha com a grandeza de minhas desventuras. Sombras de meus pais, vós que errando entre estes Cypresses lugubres, esperais de mim este acto insigne, eu apparecerei ante vós com o famoso trofeo de um oppressor extincto. Se vós pranteais as cadeias da Patria, talvez o sangue deste barbaro despedace os seus ferros ; e se ella de ve ficar sepultada para sempre, fique em suas cinzas a cinza do seu vencedor!...

SCENA VII.

Tojar, e Sezigambe entrando no mesmo sitio.

Sez. O' meus lacrimosos olhos, ou vos illudis, ou este he por certo o meu amado esposo!... He elle! he elle! Ceos! eu vos perdoo esta crueldade do meu destino!.. *Tojar, esposo!... (apressa-se para elle).*

Toj. Que! Vive Sezigambe!... E pôde assim desobedecer a toda a força do meu ultimo preceito?

Sez. Ah! que propicio fado tey piedades de de minhas desventuras, e te conduzio, caro esposo, ainda uma vez ante meus olhos?

Toj. Aquelle mesmo a quem te quizeste oppor, quebrando o mais sagrado de todos os juramentos!...

Sex. Ouve...

Toj. Emmudece: ... E tão preciosa he a vida dos infelizes que deva conservar-se a preço de um delicto? E não pôde a minha mesma desventura expulsar de teu coração uma fraqueza?

Sex. Senhor...

Toj. Não me dês esse nome, reserva-o para Ataide, escrava vil, abjecta; offerece-lhe o pescoço ao vergonhoso ferro.

Sex. Elle he tão generoso que despedacou as minhas cadeias, tratou-me como Rainha, e me deo a liberdade.

Toj. Sempre será vil a liberdade dada por aquellas mãos; e quem tem alma elevada aborrece uma vileza mais que a morte. Muitas vezes não se pode viver, mas sempre se pode morrer.

Sex. Tojar...

Toj. Sim, conheço em ti aquella indole baixá que he propria de teu pai, e de um sangue vil; eu não poderia esperar tanta virtude; a maldade dos pais tambem passa como herança aos filhos. Uma só culpa não constitue um scelerado, tu me desobedeceste; e a este primeiro delicto juntaste certamente segundo; conservaste meu filho para ultraje infeliz de um triumpho!

Sex. Não, Senhor, não, estes mesmos

tumelos escondem uma parte tão nobre das nossas entranhas. . . .

Toj. Morreo o meu filho! . . . (Portuguezes, diminuiu-se uma grande parte do vosso triumpho, e grande sacrificio fiz eu ja esta generosa virtude que se alverga em meu coração. Fiz um grande serviço á minha gloria; he preciso dar alguma coisa aos sentimentos de pai. . . . falle a minha dor; mas sem offensa da minha virtude. . . . Amado, e innocente filho, se a tua sombra anda errante entre estes funestos Teixos, e melancolicos Cyrestes, recolhe os meus suspiros. A tua morte he sensivel á ternura de pai, mas foi precisa á dignidade de Monarca! . . .)

Sez. Oh Ceos! Meu esposo, eis se aproxima Melique a este retiro. Eije, Senhor, ao menos esconde ao seu temor o teu semblante.

Toj. Eu me escondo, sim: he intempestiva a morte quando nos resta uma acção grande que acabar na vida. (*Esconde-se.*)

SCENA VIII.

Melique com Soldados, e Scrigambe em distancia.

Mel. O lá, Soldados, destrua o nosso furor estas soberbas memorias, e orgulhosos monumentos de uma estirpe rebelde a Portugal; caia despedaçados, e fique confun-

Até ao pó até a mesma memoria dos sepulcros.

Sec. Deuses immitáveis! que escuto?...
(*Por parte*)

Mel. Leve o rápido vento até estas mesmas cinzas inféis.

Sec. Ah meu pai! Oh Heróis Portuguezes! Ainda a vossa ira não está farta do nosso sangue; ainda vos não sacião as ruínas de Dabuk? Quefeis estendella até ás sepulturas; quefeis empregarla nestes frios e descarnados ossos, quefeis afogentar estas sombras? Quefeis levar o vosso domínio até á mesma região da morte?

Mel. Não basta o sangue para fartar uma grande vingança; vive, e vivirá sempre a offensa, em quanto não acabar o mesmo nome; a mesma memoria do offensor.

Sec. Ah! meu pai! lembrai-vos que a doçura deste nome até podia desarmar o furor do maior inimigo! Eu vos peço até por aquelle sangue illustre com que animastes o meu coração, por aquelles suaves carinhos que de vós recebi: tenra e benigna pendente do vosso collo, por aquelles ternos beijos que em vosso rosto imprimia o meu filial amor; sim, eu vos peço que porpeis a esta desgraçada filha este tão cruel, e tão inutil ultraje, do qual não podereis colher um fructo que seja digno da vossa grandeza. Que pode temer Portugal nestas frias pedras? Que guerra fizeram estas sombras ao terrível Ataide,

de Melique Tassandã. Meu pai, e tuos' pey
 q' esta ultima dadiã, e em a peço comitey
 da a força da agonia do meu pranto. *Triste!*

Mel. E chora a esposa de Tojar, a l'for-
 tal; ro invencivel; O hore. embora, não me-
 rece piedade!

Sex. Dizeis bem, Senhor; o pranto não
 he digno de mim, abais digno, e mais pro-
 prio: a osã do furor, e serdi. feréz como os
 Portuguezes, dha-me ha forças o odio: feri
 talvez p'ed' compãheira: nã defensas lo alu-
 genio da Tojar, a Tretey. A stude; deste me-
 me. sã: Ah! obli chegarã ehoio de fãdã, e
 Armado dei ferto; aquã: tu o vize) e o rio
 Constantino de Bragança. *Triste!* *(Com força)*

Mel. e Viãha; appareça este teofetã: nã
 uel' guerreiro; mostre aquelle: robo q' d'uma
 obga vilissima: sou pou' as nossas leis. *Triste!*

Sex. Tereis por compãheira: a mesma
 morte; de bairto de vãje imperia. do meu a
 soubras; tereis as furias. *Triste!* *(transportada)*
 E nã p' eu ab, amã: feso; que Tojar; me not
 injusta: que: a destino; e mais: ifuncta que a
 morte; defenderes estes ossos illustres. O he-
 gu; barbaros; inquietai estes cadaveres. *(Ei-
 rabo: p'nhã: q'ad conserva d'ado: por: Tojar)*

Mel. Guerreiros, e abatei estes indignos
 amsulens. *(Bate os Soldados; que: bõs
 são a demolir)*

Sex. Tudo tentei eu: vãozã: Maternã
 amor; e a segui os teus conselhos; e moira eu
 susã: a os de Tojar; e conserve a o' filhou

(*A ponto*). Ah! com que prego intentei
potipar esta offensa cruel aos avôngos de
Tojar!... (*Em voz mais alta*).

Mel. Que prego te esse?

Sex. O filho... Oh Ceos!... O filho
de Tojar...

Mel. Que esento!...

Sex. Ah! meu amado pai! setá muito de
pedra, será qual de um ffigre o vosso co-
ração, se me negais a dadiva preciosa da
sua vida... Eu sou mãe... Oiga-me o
mundo, oiga-me a natureza, sou mãe...

Mel. Entrega o filho e depois pede.

Sex. (*Em voz muito alta*) Abirão-se es-
sas negras estancias da morte. Ah, filho!
sabe de tea desgraçado asylo. Onde as cin-
zas achão descaço, encontraste tu a des-
graça! Sabe do teu asylo; infeliz fructo de
uma infeliz mãe!... (*O escravo sabe de trás
de um tumulo com o menino*). Eis aqui, ó
Melique, eis aqui o grande terror dos Por-
tuguezes. Eis aqui o ultimo resto daquelle
sangue que tu aborreces. Quando temêrão
as ferozes aguias as timidias, e fracas pom-
bas? Que culpa commetteo este coração ter-
roso e innocente? Ah, filho, desgraçado! do-
bra os teus joelinhos, beija os pés a tea
grande avô! Não le vileza o que a fortuna
obriga a fazer aos miseraveis. Este he, Se-
nhor, o vosso neto; observai nellé os vesti-
gios do vosso genio guerreiro. Acolhei-o co-
mo quizerdes, eu vo-lo entrego; mas acon-

selhai-vos com o vosso mesmo sangue sobre as suas desgraças. Vós também sãis pai...

Mel. E tu não hes minha filha!....
(*Parte e o menino*).

SCENA IX.

*Tojar que sah do lugar em que se accon-
dera, e Soudamba.*

Toj. Perjura! He esta a fé que deves a Tojas? Quando te ensinou, e te inspirou a minha gloria, tão baixos sentimentos? Assim guardaste para meu filho a grande honra de um morto vivo? Vai, vai, leva esse mesmo panhal do verdugo Portuguez, e mostra-lhe tu mesma a estrada mais facil, o caminho mais breve para aquelle tenro, e innocente coração; vai tu mesma, e introduz aquelles pequeninos ahi nos ferreas cadeias.... Vai, ata tu mesma ao carro do feto a mãe, aquelle infeliz resto da minha estirpe... Vai, expõe tu mesma teu filho aos ludibrios soberbos da indomavel Soldadesca Portuguez, vai, e diante do triunfador arvorá tu mesma a bandeira do teu vilpendio... Vai, fica, fica; eu afiato de meus olhos os horrores desse rosto coberte, abominavel, fúnebro... Um dia virá em que sombriamente, pavotora, e sedenta da vingança, te verei em torno...

Eu mesmo te esperarei . . . na habitação dos
perjuros: (*Parte*).

SCENA X.

Savignac, só.

Sex. Acho nos Ceos, acho nos infernos
a mesma piedade! Bem diabolico, entre
ambos! . . . Que demerito, que crime en-
cerra em si a minha tão justa piedade? De-
grasado filho de D. Amór, ou filho, ambos
conjurados contra a tua vida, pedem a justia
na tua morte. Meus irmãos, meus amigos
são me de apoio, porque me defende, e me
mesmo apoio porque te conservo. Meus amigos
honram de filiação a fortuna e fortuna inimiga
a natureza e a natureza profunda dor de
meu coração. Savignac, ainda te maldiz
af (Solt). . . .
-no acerto me Sep. . . . XI. . . .
ob oiro os surcom de ma. . . .
af (Solt) do p. . . .
son d. . . .
ap. . . .
rob Da. . . .
no. . . .
des. . . .
quis. . . .
-de Zel. . . .
o seu. . . .

Atide. (It parte). Como, Senhor? (para D. Álvaro).

D. Álvaro. Não sei. Elle será uma victima destinada á nossa vingança; e a vingança de uma rebelião não distingue a idade.

Rei. Ah, Senhor; por aquelle amor que vós dissestes que meus olhos accendêrão em vossa coração, salva, salvas, eu vos peço, este ultimo fructo de um arvore illustre, e do tronco de que tambem eu procedo: eis aqui a primelra, a unica prova que eu exijo de vossa amor.

D. Álvaro. Eu me empenharei contra o Vosso Rei; empenharei todas as minhas rogativas, a minha autoridade, os meus assignados serviços; para obter o que me pedis; e até empregaria mais alguma coisa... que a tanto me obriga a vossa formosura.

Rei. **SCENA III.**

Os mesmos, D. Luiz, e Melique trazendo o menino pela mão.

Mel. Eis-aqui, Senhor; o ultimo ramo daquella planta funesta, rebelde ás triumphaes Quinas. Uma piedade o escondia; uma mais justa piedade o descobrio; abatei esta frente que he ré dos crimes do seu mesmo pai, e assegurei a conquista que acaba de fazer o vosso braço.

Rei. E de que culpa he ré este desditoso?

Mel. Cala-te; aherança das culpas paternas tambem sobre elle desafia o castigo.

Zel. Mas os crimes de Tojar não se communicão com o sangue a seu filho.

Mel. Quem encerra nas veias um sangue infecto não o pode sarar, dave degraçallo.

Zel. Seja embora réo, mas que se pode temer de uma idade tão debil, e tão tenra?

D. Alv. Ah, Melique! os heroes de Portugal não bebem nas taças de seu triumpho o sangue innocente, e misturado nesta pequena creatura talvez com o leite que o sustenta.

D. Luis. Viva o filho de Tojar, a natureza, e a innocencia dispensão nelle o que deve á vingança Portugueza. Melique, eu o confio ao teu cuidado, e responderás pela sua existencia.

Mel. Ah! a ultima setta da minha vingança suspende-se nos ares! (*A' parte*).

Zel. Esta acção da vossa clemencia he o mais illustre loiro que vos adorna a frente ao meio de tantas victorias.

SCENA XIII.

Sendo de Mello, com alguns Soldados, D. Luis, e D. Alvaro.

Simão. Um Soldado veterano he bem que descance. Já que um Fidalgo como eu não pode obter o premio das victorias de Malaca

aqui deporei a minha espada; estes meus Soldados animados dos mesmos sentimentos já que tem com a força do seu braço sustentado o Sceptro Portuguez no Oriente, exigem a recompensa que lhes he devida, o soldo que o Estado ha tanto tempo não satisfaz, ou a sua absoluta demissão.

D. Luis. Que nome deve dar o Viso-Rei da India, o Conde d'Atouguia, a este tumultuoso ajuntamento? Se sois Soldados, onde está a vossa obediencia? Se sois Portuguezes, onde está a vossa fidelidade? E appareceis assim na minha presença? E Si mão de Mello he um conductor de facciosos! Socegai-vos, e se vos não contem a authoridade deste bastão, conter-vos-ha a força desta espada.... He Luiz d'Ataide quem a empunha. (*Arranca meia espada*).

Sim. Também a minha espada saberá ferir, e de um só golpe vingará muitas affrontas.

D. Luis. Não sois Fidalgo.... sois um vil.... (*Arremete*).

D. Alv. Suspendei-vos, Senhor. Não vingue D. Luiz de Ataide as offensas feitas ao Viso-Rei.... Oh lá, Soldados, retirai-vos; Alvaro de Castro vo-lo pede, Portugal o manda; não funesteis a victoria que alcançais, sereis satisfeitos. Meu inclyto pai empenhou um só cabello da barba, e obteve thesouros, eu empenho a minha palavra, quando Goa vos vir triumphantes vos verá satisfeitos, e recompensados.

(*Vão-se os Soldados, e Simão de Mello, lançando-se com dissimulação aos pés do Viso-Rei, e depondo a espada*).

Sim. Senhor, perdoai o meu transporte: eu fui conduzido pela tropa amotinada; violentou-me, fui ameaçado, fui preciso ceder....

D. Luiz. As injurias feitas ao Conde de Atougua estão esquecidas, as faltas contra o Viso-Rei da Índia, Portugal, as vingará. Ide-vos, Simão de Mello... (*Vai-se Simão*). Quanto alterna a fortuna os trances da nossa vida! Ache nos inimigos a victoria, e nos Portuguezes a rebelião! Eis-aqui o maior desar á gloria do meu triumpho! Mas os bens, e a ventura de Luiz d'Ataide, estão dentro, e não fóra de Luiz d'Ataide; e uma sublime virtude, uniço bem a que podemos chamar nosso, não depende do soberbo arbitrio da sorte. He sempre grande, sempre feliz um coração virtuoso. Com a virtude tenho quebrada a roda da fortuna, e he mais gloriosa a victoria, que acabo de alcançar de mim mesmo, que a ruina de Dabul.... Vamos, Alvaro de Castro. (*Sahem*).

SCENA XIV.

*Vista dos tumulos. Sezigamba suspendendo
Tojar que lhe quer fugir.*

Sex. Suspende-te, caro esposo; para qué he tanto rigor? Não vez, não descobres em mim a metade do teu coração?

Toj. Sezigamba!...

Sex. Ah! Chama-me esposa; este nome he mui digno do meu coração, he mui digno do meu amor. Abre, Tojar, abre o meu peito, gravada verás nelle a imagem do teu rosto.

Toj. O teu peito devia guardar com mais submissão as minhas leis.

Sex. Tu me accusas de duas culpas; a primeira de viver; mas esta não he minha, he de meu pai, que me suspendeo o braço quando empunhava o ferro fatal, e hia a vibrar o ultimo golpe. A segunda he só culpa minha; vive o teu filho; mas se peceou o amor, quanto são dignos de perdão os delictos do amor maternal!

Toj. O demasiado amor he uma grande culpa em uma mulher de illustre sangue, na mulher de Tojar.

Sex. Eia, pane, castiga em mim este delicto, morrerei contente, morrendo em tuas mãos; mas ao menos... Ah caro esposo... no menos antes de fulminares o terrivel gol-

pe, detem teus olhos sobre o meu pallido semblante, e dize quando deste seio vires correr meu sangue: — Sezigambe, eu te peido... então verás sabir tranquillo de meus tremulos e desmaiados labios o meu ultimo suspiro... (*Prostra-se aos pés de Tojar*).

Toj. (*A parte*) Grande força tem o arrependimento de uma mulher no coração do esposo que a ama!

Scz. Eia, Senhor, fere, fere uma escrava, não te lembres que he Sezigambe, que he tua esposa. (*Mostra-lhe o peito*).

Toj. Natureza, venceste... venceste em fim o desgraçado Tojar... Vive, Sezigambe, vive, ultimo resto da minha desvanecida grandeza; vive, e este abraço te dê a paz que me pedes, e que tu mereces no meio de tantas desventuras. Vive, mas como deve viver a esposa de Tojar, e se te apraz o meu amor, mais te deve aprazer ainda a minha gloria.

Scz. Apraz-me a tua gloria, sim, amado esposo. Mas dize-me que profundo desgnio te tem demorado entre estes tumulos? Não sabes que estão assombrados das vencedoras Quinas, e rodeados de tantas espadas sequiosas de teu sangue? A tua vista me he mais que tudo amavel; mas que terrivel não he para o meu coração o teu perigo! O Viso-Rei acaba de entrar na Cidade, dos seus muros te podem descobrir; cede, Tojar, cede á fortuna, e separa-te destes

lugares, eu fero, porque se me não arranta do coração a esperança de recobrar meu filho.

Tej. Não deve ceder à fortuna, deve segullá. Eu, devo ainda a Dabul uma acção grande; e um Rei sem o throno deve antes buscar uma illustre morte, mais ainda que uma vida abjecta e desprezada.

Sex. Ah! meu esposo, não te exponhas, tem dó de Sczigambe, tem compaixão de teu filho!

Tej. Esposa, deixa que eu obedeça ao meu destino; não suspendas com teu pranto a minha heroica resolução. Desde estes tumultos vai um caminho subterraneo aos jardins de meu Palácio; só eu posso este segredo; tu me és, disfarçado em vestidos, não sou o Rei de Dabul, sou um plebeo. Eu me vou esconder neste subterraneo, e sabendo na parte mais recôndita de meus jardins, esperarei que o destino me proporcione occasião de ambeber uma seta no coração do feroz Ataide. Vai, espera o que de mim dispõe o Céo; talvez eu, sangue de um só golpe, as injurias da fortuna, e quebre os grilhões da India escrava, livrando-a desses monstros do ultimo Occidente. Ou eu viva ou morto guardarei sempre eterna memoria do teu amor. Esposa, adeos: talves que este sombrio caminho me conduza a um dia de gloria, e pôda ser que Dabul recorra ainda do mesmo sepulcro das suas cinzas.

sangue. : Sei que o nosso comum inimigo
 entra daqui a pouco neste jardim ; e tembo
 be no seu peito em silencio, e que elle ferro,
 que não podesse empregar em publico. :
 - II Sim, Sim, Zelma, horror e sobeito, ce
 da uma vez a fidelidade Portugueza a justia
 ca da minha causa, e a grandeza do minha
 affronta. Retra-te, ou aqui fico entre esas
 arvores, nunca me escondo de face de meu
 inimigo, mas a qualidade deste contrario
 não pede um peito descoberto.

Simão de Medo de um lado do jardim, e

Tojar de outro lado, escondido, e mudo;

mas, além que uzeza uade do respectador, me.

pro - otinomatnotnozesb coildug on svuv -

laximimpu deo a minha memora emia il-

Iustre vingança. Entre as minhas ações,

suprez seja esta a que de mais brado, um

delicto plebeo obscurece a fama; mas sempre

pre he grande o nome de uma culpa illustre.

(Rebende se)

U m obio que se deiz envallece,

reduce. A este sobre o stios lushaq são abas A shiata

men D. Nat. o mase, e os maaaa; q

so ueu os

D. Lata De nos alguns repousa aos tu

multos pensamentos que me agita. Que

insupportavel peso se ude emmita. Com

quantos sobresaltos se compra uma victoria !
Que terrivel espectáculo he para os olhos do
conquistador a sua mesma gloria ! Talvez se-
ja um crime ; pois não he por esta justa
virtude vir deliberadamente perturbar a se-
gura tranquillidade e independencia das Na-
ções !

Sim. Eis o injusto. Náo-Rei e evitará
agora a minha ira. (*A parte*)

Toj. Eis o destruidor, seberho do meu
Reino. Fortuna, permite que eu quebre de
um só golpe as cadeias da Índia ! (*A parte*)

D. Luis. E os que lutos estão o Toj
envolto pela desgraçada morte do Rei. Não
era sem um presentimento da sua ruina
que eu lhe dissimula a fatal jornada ! Este
meu novo commando foi um castigo do meu
zele. (*Quittes o ar*)

Toj. (*Preparando o arco*) Numas inte-
lates de minha usurpada capital, vingistós
a minha affronta ! (*A parte*)

Sim. (*Chegando-se por detrás ao Kio-
Rei para o ferir*) Que mais devo aguar-
dar ?

(*Toj de entre os arvores despede uma
setta contra o Kio-Rei, ferre Simão de Mel-
lu, que já está proximo a elle, e cahe*)

Toj. Caia o tyranno. Oh ! Golpe
infame. (*Fofe*)

D. Luis. (*Armando o esada*) Oh !
Soldados ! Traição, traição ! Fendo de uma
setta Simão de Mello e aguarido traidor que
foge ! . . .

Imitoiv rami rignoo es ralizendos a r...
 ob dello ro riu S...
 -e- r...
D. Luis. *Maldiquê com alguns Soldados Por-*
-tu-guezes reguardo a Tojar e ao Alvarado
-na sub Castro ou arredores de Aljubarrota

estado, o Deito os frechos, ou a fidal...

Toj. Não, se não, vedei os vitimentos com
 ferro obstinado a beber o sangue dos Por-
 tuguezes

(D. Luis.) ! Deixa as setas, genido, Cede!
Tojar! Pois eu vingarei esse sangue de que
 se tem faldado o teu ferro, e elle sera o instrum-
 ento de tua morte.

Toj. Sim, leitoa o Rei, o Senhor de
 D. Luis, e te treve ainda, e que treffe
 te lança hoje aos pés o destino. Eu defen-
 do a liberdade, o throno da patria, o meu
 paz contra um estranho que se assume. Que
 farias tu, General; se eu me confiasse em
 uma armada a tua do Tejo, para captivar,
 e dominar essa soberba capital, que assola
 o Oriente, sem que o immenso Oceano seja
 uma barreira ás tuas pretensões, e as suas
 muralhas. Eu defendo-me e não me defendo
 do espalho a armas contra os meus oppres-
 sores. ! id()

D. Luis. Não juraste obediencia ao Rei-
 do Portugal? Quem te desligou do pacto
 ajustado no Paço de Bragança? O estandarte da
 rebellião? Eu não, o que me obriga a fugir.

...! segit

Demais, como poderias tu faltar, a tua vingança, ou recobrar o teu Reino, ferindo, ou ainda mesmo matando um Capitão particular como Simão de Mello?

Toj. Elle recebeu indevidamente o golpe; por quanto eu destinava um mais digno sacrificio á perda da liberdade da India. A ti buscava unicamente a minha vingança. Enganou-me aquella fortuna sempre injusta, sempre caprichosa em se oppor ás obras grandes, e illustres. Assim mesmo não falta a gloria ao meu golpe; se elle resvalou, tu eras o seu alvo, e o seu objecto. Tu poderás ser triunfador; mas não serás sempre invulneravel.

Alv. Captivo, e em cadeias, ainda Tojar he terrivel! (*A parte, admirado.*)

D. Luiz. A sorte da guerra se decidiu a posso favor; tu tens pelejado como forte; uma negra traição deslustra todas as tuas acções; com o golpe vilmente desfechado tu te declaras meu pessoal inimigo, e não de Portugal. Cahis e á meus pés, e a meu arbitrio está o teu castigo. Mas eu não julgo pelos dictames de uma cega vingança, a Lei julgará. Melique, a cujo sangue he unido, e que se tem conservado em constante fidelidade á Coroa Portugueza, será o teu juiz; eu o escolho, e eu o determino.

Toj. Saia da boca de Ataide, ou da boca de Melique o raio exterminador, que reduza a cinzas, eu o receberei com o mesmo

coração; e até a mesma morte talvez beije com respeito a escura foice tinta no meu sangue. Entrará minha alma, mas não vil, pelo reino das sombras; e comigo levarei ainda o último vislumbre da minha não bem extinta liberdade; não contaminará o meu ódio o inferno, eu lá o conservarei, e ainda lá serei o inimigo de Portugal, e de Ataíde. (*Sahem, ficando D. Alvaro*).

SCENA VI.

D. Alvaro de Castro só.

Alv. Fortuna, fortuna, tu seffas uma inimiga toleravel, se fossem mais moderados os teus odios; mas qual a tempestade arrebatada pelos ares, que não pára em seus insanos impetos, sem que abata, e escache as mais robustas palmas, assim tambem não socega o furor da tua ira em quanto resta nma só gota daquelle sangue que sujeitaste aos teus odios. Tu queres o sangue de Tojar, hoje será derramado; foi Rei, e não deo mais que um passo do throno para o cadafalso. Farta-te, insolente fortuna! Ah! quanto errou quem te pintou cega; jámais erras um tiro, uma vez que determinas um alvo! (*Parte*).

S O R N A VII.

Sala destinada para se proferir a sentença de Tojar: Melique sentado em uma cadeira, e diante delle Tojar com guardas.

Mel: Tojar, o teu castigo satisfaz a ira celeste. O título mais agradável aos Deoses he o título de justos. Levanta-se muitas vezes o inipio; mas se elle se elleva, he para serem mais ruinosas as suas quedas, mais estrepitoso o seu baque. Rasgou a fortuna a tua venda; e hoje, como devia, fixou a sua roda. Cabiste, e as tuas culpas pedem altamente o teu supplicio. Dize-me, ó soberbo Tojar, que razão pôde justificar aquelle furor com que dissolveste os vincallos da alliança, e da obediencia devida a Portugal? Puzeste o Reino de Dabul em campo, pizaste aos pés os sacrosantos tratados, infringiste o direlto das nações; a tua mesma infidelidade he quem te accusa. Dabul foi entrada, e tu fugiste; isto era uma cobardia; mas não era um delicto. Porém a maior infamia de teus crimes he aquelle sacrilego golpe que dirigiste contra o Viso-Rei, e ferio Simão de Mello. Eu me esqueço agora como teu juiz das minhas particulares offensas, dellas não te ardo; he preciso que emmadeça o odio particular, quando a causa publica pede uma vingança. Que respondes? .v.

Toj. He vileza a defesa contra as accusações de uma culpa illustre? Não allego as minhas razões diante de um tribunal indigno de um juiz incompetente, artilhado com a traição da Patria opprimida, e trairo, e vil adulador da tyrannica fortuna Portugueza.

Mel. Quem despreza a sua defesa, renuncia a clemencia; e falta com razão a um defensor áquelle atrevido a quem agrada o seu delicto.

SCENA VIII.

Os mesmos, e Sexigambe que chega a tempo de ouvir as ultimas expressões que profere a Malique.

Sex. Não falta um defensor a este heroe, em quanto não falta Sexigambe. Saber, de que culpa he réo este infeliz prisioneiro? a sua gloria he o seu delicto? Acaso he crime ter quebrado os ferros da sua patria, e ter subtrahido a periz ao peradissimo jugo das Quinas Portuguezas? Que direito deo o Ceo ao Tejo sobre a India, e sobre Dabul? O Ceo dividio Portugal da India como o juncosno Oceano? Porque Vasco da Gama quebrou as barreiras que a natureza tinha posto no atrevimento das anfortes, segue-se que Dabul deve ser uma escrava de seus atrevimentos, ou atrevidos sucessores? Não cabião os Portuguezes na terra que os viu nas-

cey, e que lo destino: lhes macou para infir-
 mada? Seja ambora: mas, contentassem-se
 com as possessões que ahião: não Africa!
 Quem lhes dáo direito para q'querem desma-
 nar coisa Señhores. em todos os países da
 Asia? Elles tem mudado nossa religião, tem
 abtido os nossos Idolos, até ppr ordem da
 sua mãã: Golttem despojado os nossos
 veneráveis Pagodes: Que lhes fizemos para
 tratarmos os Reis como usurpavos, e os po-
 vos como rebeldes? Tudo he lição: o quem
 repelle a oppressão injusta: se elles podem
 auctar Tojar, potq' não ha de poder de-
 fendese Tojar? A justiça poz nas mãos de
 Tojar o ferro, e elle abrou, e executou to-
 dos aquillo, que de nós exige o fôrto, e na-
 tural desejo da liberdade. Mas de ha de tra-
 bilhar a virtude: se tem de lutar com o desti-
 no, que quasi sempre se interessa a favor do
 mais poderoso, ficou vencido: E que resta
 a um infeliz: mais que o pensamento de outra
 vingança ilicita? Eis aquillo que elle bus-
 ca: Atahle devia apacar com o seu san-
 gue tantas vidas agustas, que em ella não estão
 vingadas. Bathou o golpe: e chama-se só
 o oppugnador da tyrannia: e herba? O pro-
 pugnador da perda da liberdade, o e vingador,
 e vingador dos nossos profanados alta-
 res? Como defensora de Tojar. teñho fallado
 a um juiz iniquo, e incompetente, agora
 he preciso que fale ao ombro de um pai a fi-
 lha de Moheca: Meq' quis (ou oio que o

Toj. He vileza a defesa contra as acusações de uma culpa illustre? Não allego as minhas razões diante de um tribunal indigno de um juiz incompetente, artilhado com a tração da Patria opprimida, e trairo, e vil adulator da tyrannica fortuna Portugueza.

Mel. Quem despreza a sua defesa, renuncia á clemencia, e falla com razão um defensor áquelle atrevido a quem agrada o seu delicto.

SCENA VIII.

Os mesmos, e Sezigambe que chega a tempo de ouvir as ultimas expressões que profere re Malique.

Sez. Não falta um defensor a este heroe, em quanto não falta Sezigambe. Saber, de que culpa he réo este infeliz prisioneiro? a sua gloria he o seu delicto! Acaso he crime ter quebrado os ferros da sua patria, e ter subtrahido a canga do perdidissimo jugo das Quinas Portuguezas? Que dirá deo o Céu ao Tejo sobre a India, e sobre Dabul? O Céu dividio Portugal da India com o immenso Oceano. Porquẽ Vasco da Gama quebrou as barreiras que a natureza tinha posto ao atrevimento dos mortaes, segue-se que Dabul deve ser uma escava de seus atrevimentos, ou afirmando successos? Não cabião os Portuguezes na terra que os rio nar-

ter, e que to de tempo lhes macou para ir-
 rida? Seja embora; mas, contentassem-se
 com as possessões que tinham na Africa!
 Quem lhes deu direito para quezerem domi-
 nar como Senhores, em todos os países da
 Asia? Elle tem mudado nossa religião, tem
 abolido os nossos Idolos; e até por ordem da
 sua mesma Corte tem despojado os nossos
 veneráveis Pagodes. Que lhes fizeram para
 tratarem os Reis como escravos, e de po-
 vos como rebanhos? Tudo he feito a quem
 repelle a oppressão injusta; se elles podem
 atacar Tojar, porque não ha de poder de-
 fendese Tojar? A justiça poz nas mãos de
 Tojar o ferro, e alle tribu o executou to-
 dos aquillo, que de nós exige o Juro, e na-
 tural desejo da liberdade. Mas de donde tra-
 beira a virtude se tem de lutar com o desti-
 no, que quasi sempre se interessa a favor do
 mais poderoso, ficou vencido. E que resta
 a um infeliz mais que o pensamento de vinga-
 nça? He aquillo que elle bus-
 ca. He a talde devia apacarse com o seu san-
 gue tantas vidas agostas, que a vida não está
 vingada. Bathow o golpe. E chama-se só
 o oppugnador da tyrannia soberba. O pro-
 pugnador da perdida liberdade, o vinga-
 dor, o vingador dos nossos profanados alta-
 res? Como defensora de Tojar tem fallado
 a um juiz iniquo, e incompetente, e agora
 he preciso que falle ao amor de um pai a fi-
 lha de Mehaou. Mehaou pois (entendo que o

odio ainda vos não despriza deste nome) :
 voltei os olhos para este rosto, onde já não
 ha outro bem mais que a vossa imagem, e
 esqueci os votos dos meus ardentis olhos ;
 não ha linguagem mais entendida pelo amor
 que a linguagem do pranto. Não queirades
 que conheça o mundo que aquelle mesmo
 que me deu o sangue me libertou e san-
 gue. Tojar he o meu coração, não pode uma
 espada violar aquelle seio sem que penetre o
 meu coração. Não descerá Tojar a sepul-
 cras se eu não for com elle. Não funesteis,
 Senhor, com tanta crueldade o seculo em que
 existimos. prazada a vossos pés, deixai,
 que vos beije a dextra. . . . (*Melique retira
 a mão*). Oh Ceos! begnit-me a vossa mão?
 Ah! Não begnitais os pés aos meus filiaes e
 bantidei osculos. . . . Eis aqui um serável
 castigo para aquelle espirito que a melhor
 parte de si em sua mesma presença, pro-
 strada aos pés de seu mesmo inimigo h. Ah
 Senhor! vós tambem sois seu pai! Elle se se-
 nectio do caracter pre do nome de vosso fi-
 lho naquelle momento em que me deu a mão
 de esposo. Piedade, Senhor, piedade, eu não
 deixarei de abraçar estes pés semo quanto
 me não concebder a vida do flôjat. Tan-
 tas lagrimas correrão de meus olhos, que
 o deshumano, Senhor, as vossas iras. . . . Va-
 leime. . . .
 - *Mel* Não desamarará. . . . p. A razão do
 meu odio não acaba; Tojar deve morrer. O

seu crime pede este castigo, sua perfidia o merece, e o sangue de Simão de Mello, tão aleivosamente derramado, clama aos Ceos vingança. Tojar descerá aos infernos sombria funesta, livrará o mundo da sua presença, se não um sacrificio que talvez apodreque a margem do Indó e furem das espadas Portuguezas. *(Sahá sim-olhan para Sezizambe)* Eu não posso! com esta presença o livro e o castigo enxada e se está monomorpho nov... **SERENA. IX** ...

Tojar e Sezizambe de Soldado ...

Tojar Bem investigado deixo o Melicoma a cobardia de Sezizambe e suas impo...

inútil de Tojar Foco da dada! ...

plena sentença e com, e tanto para soffridas pelo meu coração! ...

a morte que uma vida alcançada com a vileza do pranto. IX A I N E S

Ser. Ceos! Eu não me podia persuadir que te offendesse meu piedoso pai! Ah Tojar, Tojar! de todos os meus dias bem depressa a tua paisagem minha mágoa! Sezizambe não saberá sobreviver. Tojar meu encosto firmo acabará a tua vida, que não poderei nem deixar de te fazer separar *(Sahá)* ...

... e deve haver a mancha da ...

... o sangue ...

...

SCENA XII.

(Representem um lugar junto á muralha,
 destinado para sepultura de Simão de Melo
). Tojar com cadeias entre Soldados, e
 Sezigamba que lhes assiste.

Toj. Deixa, amada Sezigamba, deixa que eu só arrostro toda a crueldade do meu destino. Estas cadeias nada diminuem nem a força, nem a grandeza de meu coração, e elle me basta para lutar com a morte.

Sez. Consente, meu amado, permite que esta infeliz esposa exercite este misero officio da tua amonição ao extremo passo. Eu desfaleço... a minha alma aguenta toda a oscuridade do túmulo. Ah! talves espire antes que o meu esposo acabe.

Toj. Sezigamba, coragem. Eu morro, e nestas horas estimo a minha honra, me contendo que eu de algum momento ao castigo de pai, ou de marido. Tu morro, Sezigamba, e tu morras? e aqui te deixo com o fardo de sustentar aqui a vida, a liberdade, a honra, a terra, a morte tua. Tu choras?... Não me opponhas a teu destino, poria o teu coração em mais apertadas angustias se (suspirasse) se quisesse. Não te lamenteis em teus olhos. Quando a morte não seja de dor a culpa do teu pranto, seja a minha. Não choras. Também a tua vida é a tua.

vingança, e sempre legítima, que o cetro não
paixões mais dignas de uma alma grande.
Perdoa, esposa, perdona a offensa que o teu
terríssimo amor soffre. com esta vida que
assentaste, minha alma. A morte não é
maior das minhas iras, e aquellas expressões de
raiva não da minha boca, com toda a tor-
menta da minha alma. Se, se, tu, minha
ria tua alma, acceta em satisfação metade
da minha morte. Fazigambe, meu morto,
e deixo a meu nome a gloria, a lingua
Fazigambe, que a tua vida, e a tua vida.
o Senhor que a tua vida, e a tua vida.
libertação, preserva do teu amor, e por isso
sem Fazigambe, não entres, e não impio da
morte, e em si, e se, e se, e se, e se, e se,
Toj. Vive, Fazigambe. A morte não
lutaria, e esta vida, e a tua vida, e a tua vida,
a obração, e a tua vida, e a tua vida, e a tua vida,
esta. Vive, e a tua vida, e a tua vida, e a tua vida,
sa, e a tua vida, e a tua vida, e a tua vida,
Toj. Oh, Deus do! Oh, Deus do! Oh, Deus do!
Toj. Vive, e a tua vida, e a tua vida, e a tua vida,
assim o pede aquella idade. Mãe amorosa,
tu o guarda. Pize elle a estrada da gloria
por aquelles vestigios que eu nella deixo im-
pressos; elle conhecerá que são meus, por-
que são grandes. Sirva escravo a Portugal;
mas de sorte que a mesma fortuna se enver-
gonhe da sua servidão. Pareça-se comigo nas
obras, e não no grande ultrage do destino;

Quando o apertares no seio, lembra-te que unes a elle a mais terna parte do meu coração. Chama-o ao teu collo algumas vezes com o nome de Tojar. Talvez lhe agrade este amor do engano de amor! . . . Szigambe . . . beija então a tua rostração. Szigambe . . . adeos . . . adeos . . . Com este ultimo abraço me despeço de ti. . . Tu vive em paz . . . adeos . . .

Sig. Ah Tojar! Ah Tojar! e porque não morre eu neste extremo abraço . . .

Toj. Vai-te o teu coração não poderia sofrer o horror do golpe fatal; e eu desde o ceppo em que inclinava a cabeça, voltando para ti os tronbundos olhos, talvez trahisse aquella virtude feroz, que já me vai accusando de excessiva ternura. . . Szigambe, vai ao cadafalso; tens coração varonil, vai, e observa allí toda a minha fortaleza. Vai, que eu te prometto que o meu espirito antes de subir ás regiões immortaes ventará duas vezes sobre o teu rosto, e palpitar ainda sobre o teu seio. . . *(Retirado-se para trás, e deixa mutação de scena)*

SCENA XIII, E ULTIMA.

(*Haja uma sinfonia triste.*)

D. Luiz d'Ataide, Alvaro de Castro, Melique, Tojar com guardas, Scisgumbe, e Zelima chorando.

D. Luiz. Almas dos Herões Portuguezes, invencivel Pacheco, formidavel Almeida, e magnanimo Albuquerque; quanto de Asia, inveja do mundo, pequena e estreito theatro para a tua fama; Albuquerque, o maior dos Portuguezes fora da Patria; Albuquerque, depois de tuja vida, não devem ler mais os fastos de Grecia, e Roma; e tu oh Castro illustrissimo, Epaminondas Portuguez (injuriado paralelo! Os herões Portuguezes não tem comparação senão em si mesmos); e tu tambem, sangue nobre de Simão de Mello, somenos que Leoniz, e mais que todos em Malaca; recebe, almas illustres, este extremo officio do nosso autor. O esforgo Portuguez triunfa; e Luiz d'Ataide vai vingar algumas injurias que vos fez a fortuna. O sangue de Tojar será um sacrificio, uma offerenda á vossa grande memoria.

Alc. Cinzas augustas de meu excelso pai, desde cá das margens do Ganges jri entre os ignoraes rochedos de Cintra derramar sobre a vossa lapida estes louros, e estas palmas. . . .

Mel. Senhor, he tempo, he tempo que Tojar dobre o peacoco ao ferro vingador, e com aquella impia e tronçada cerviz ultime o sacrificio.

Zel. Senhor, não me tire Tojar uma morte que he minha; quando elle ferio Simão de Melho.

Di. Luce. Como tojoa?

Zel. Senhor, e aquelle feror Capitulo antes de exhalar a alma soberba declaro com tronçadas vossas cores delicias o Euzo, e a sua pua rebelte espada a mortuypudanda de Tojar o derrabou na terra. Du o obrigou, he só minha culpa da esqumete, e da sua vida.

Tij. Agora ainda com mais sereno aspecto affronto a morte; eu vejo, eu vejo um magnanimo, e feror nas veias de uma mulher o meu sangue.

Mel. Pois não esse sangue das veias e alle satisfaz a injuria de Portugal, e satisfaz o meu odio.

Sol. Ohm, Portugal, como a virtude de Tojar, trece de atendo este vivo feror da Goa e do Tojar. Chita, e a vida, e a morte, e a cabeça; e o mudo barbaço, e o tranquillo espectador da sua morte. Faria, infasta a tua

frá' airoz, e le quando visse. Espadnar a quelle
 sangue, bebe, bebe a quelle mesmo sangue.
 D. Luiz ob Gento, neste ultimo ponto da
 sua vida undise-me: se eu fosse réo de todas
 as tuas culpas, e depois fosse teu prizionei-
 ro, e a que extremo chegaris a offeron da tua
 vingança? *Resposta.* Chegaria até a morte
 e a morte. Chegaria até onde chega o injusto
 narrador de Reinos, e tãhos e tãhos impio
 tyranno da liberdade da India. Faria cancarpa
 sobre os teus tormentos, e quando súviss,
 carregado no teu supplicio, e morte, e tãto o
 a tãto e o mais satisfeito, e tãto, tãto re-
 pouzando, e deitaria os teus lacrados mis-
 tros, pasto das feras, e das aves, e tãto o
 hia até da extrema honra, e tãto o sepulturo da
 sepultura. *Resposta.* Hominibus in O. 157.

D. Luiz... Reis alha, como he diverso o
 sentimento que anima o generoso, e dragão de
 um peito Portuguez, inderpãde sobre o teu
 procoço ou ferro da justiça, e quando apãlau-
 de este memoravel golpe, e condemnas he
 as Lois do Portua, e do Ceo, e a Natureza,
 teu inimico, e o gro que te ajuizate condemnas,
 estas e condemnas a morte. E Luiz d'Atai-
 de te absolve. *(I Bido: todos suspensas)*, e aq.
 Com uma só palavra elle te dá a mulher, o
 filho, a liberdade, o Reino, o Iato, basta á
 miaba gloria. Mas como a ferocidade do teu
 odio, nada basta, e a só anholas, e tãto o meu
 sangue, e tãto o teu punhal, e tãto o teu
 na da cãtia um punhal, e tãto o teu, e tãto

Oh! não fozes isto; pois aqui o peito da Vista-Real
 da Índia não é como o do Viso-Rei; mas como
 o da d'Ataidey farta, e sem do de furor do
 céu o do pépize; Tojar, piza-as entrabasse
 burizita a tades: despedaço; e se absolvo
 da shla, e do respeito devido a este bastão,
 e a esta espada; e só te peço, Tojar, se peide
 no India do Conde d'Atougniz; só te peço
 opegnades a submissão; a fêta obediência
 aque, justes do Modarça Portuguesa, e He
 um Numeç; Tojar, he um Numeç, e se da
 doo do Tejo, levantando um braço para a
 Asia, e disseras seus raios que camo sobre a
 Índia governos retroceder a Gangea, burizite
 o India y fugivo Hydaspes; e abalar o Gangea,
 o ambraseo a Índia, e o ambraseo do Gangea

Sez. Oh magnanimo Heroe! Agostão,
 o Tejo: Oh conção gñe-mó!

Oh! Danta virtyde ambraseo do Gangea,
 D. Mita, obhaqantai, cosquino q alia q mu-
 niti Toj o Senhor, Senhor de, e Eunoç, conq-
 edezno fêta de injusto q fido es te lança aos
 pés os sceptros, e as coronas. Tem qdau fas
 mosq' braço igit' jus com ons summos; Deo-
 ses fêta império do mundo q' porque tens no
 peito uma alma q'onh' anã Desses. Conde-
 amq' simon mên detestavel odio, e uo abato,
 teus de pãho aos seus pés... Portuguezes
 unibitos! nom quanta satisfação, he goaz que
 unobre soberta lei me revista noq' do carater,
 de yosso, seivud' d'indiquellos mossos Heroes
 sem fozes virtude, he lhaon dos Imperios he
 obedecer-vos.

D. Luiz. E eu constituo no meu excel-
so lugar, dos meus triunfos e conquistas para
a Patria um coração como o vosso.

Toj. E eu tremendo, adoro em ti a au-
gusta imagem do Soberano de Portugal; e
sobre esta dextra, na qual está tão seguro o
destino do Imperio Portuguez, eu prometto,
eu juro eterna fé e eterna vassallagem.

D. Luiz. Sobre as ruinas que supponho
extinctas do antigo odio, eu te abraço vas-
sallo de Portugal, e Rei de Dabul.

Mel. Na presença do Viso-Rei, do in-
comparavel Ataide, e destes formidaveis
guerreiros te offereço em Melique o sogro,
e a Sezigambe o pai.

D. Luiz. Eis-aqui uma dadiwa, de que
não se desprezaria Carlos V. em Madrid,
nem Cesar em Roma. Aqui tens, Rei de Da-
bul, aqui tens a espada de Luiz d'Ataide
(*da-lhe a espada*), vê de quantos louros, de
quantas palmas me tem cingido a frente. Vê
esses fios de quem pendeo o destino do
Oriente, beija-a, que he minha. Sabe que
se a desembainhares contra Portugal, vol-
tará contra teu mesmo peito seus penetran-
tes gumes; cinge-a, Tojar, e quando pelei-
jares com ella, a lembrança do meu nome
te faça vencedor.

Todor. Oh magnanimo Heroe! O teu
coração he tão virtuoso, quanto he inven-
cível o teu braço!

